

Oração semanal

(5ª-feira, Tempo Comum 23)

Serra do Pilar, 13 setembro 2018

P. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo!

R. *Ámen!*

P. Estamos, Senhor, reunidos em teu nome; fica connosco (Lc 24,29).

R. E desça sobre nós a tua bênção.

P. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito do Pai e do Filho!

R. Glória ao Senhor, que nos dá o seu Espírito (1Ts 4,8)!

Leitura do Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus (4,18/23)

Caminhando ao longo do mar da Galileia, Jesus viu dois irmãos, Simão, que é chamado Pedro, e seu irmão André, que lançavam as redes ao mar, pois eram pescadores. Disse-lhes Jesus: *Vinde e segui-me, e farei de vós pescadores de homens.* Eles deixaram logo as redes e seguiram-no. Ao avançar dali, viu dois outros irmãos: Tiago, filho de Zebedeu, e seu irmão João, que estava no barco, na companhia do pai, Zebedeu, a consertar as redes. E chamou-os. Eles deixaram logo o barco e o pai, e seguiram-no.

Salmo 54 - Deus é o meu socorro

O Senhor abençoará o meu seu povo!

Salva-me, ó Deus, por quem és!

Pelo teu poder, faz-me justiça!

Ouve, ó Deus, a minha oração,

presta atenção às palavras da minha boca!

A soberba levanta-se contra mim,

a tirania procura tirar-me a vida!

Ninguém leva Deus a sério,

mas ele é o meu auxílio!

O Senhor é o meu auxílio,

é ele quem me conserva a vida!

Faz recair o mal sobre os que me perseguem!

Sustém-nos, Senhor, pela tua fidelidade!

Alegre, eu te ofereço sacrifícios,
e louvo o teu nome, Senhor, porque és bom!
Ele livrou-me das minhas tribulações
e eu vi derrotados os meus inimigos!

Glória ao Pai, que nos revelou o Caminho,
este Jesus que nos guia através do deserto,
esta Vida enxertada na nossa vida,
a Graça e a Verdade que nos libertaram!

Os Doze

Numa determinada altura, de entre os discípulos que o seguiam, Jesus escolheu um grupo especial de doze para formarem um círculo mais íntimo à sua volta. Eles constituíam o núcleo mais importante de discípulos, que, por isso, era também o mais estável. Individualmente, a maior parte deles não tinha peso algum na sociedade. As fontes atribuem mais importância ao grupo como tal do que a cada um dos seus componentes. Os Doze movimentavam-se à sombra de Jesus. A presença constante à sua volta deixava transparecer a esperança que levavam no coração: conseguir a restauração de Israel, como gérmen do reino de Deus. É provável que quase todos os que integravam o grupo fossem galileus. Vários deles eram pescadores no lago de Genesaré e os outros, camponeses de aldeias vizinhas. Eram todos gente simples e pouco culta, que vivia do seu trabalho. Não havia, entre eles, escribas nem sacerdotes. No entanto, havia diferenças. A família de Tiago e João pertencia a um nível social mais elevado. O seu pai, chamado Zebedeu, possuía uma barca própria e tinha empregados que trabalhavam para ele. Provavelmente, mantinha relações com as famílias que se dedicavam à salga do peixe em Betsaida e Tariqueia (Magdala). Pedro e seu irmão André pertenciam, pelo contrário, a uma família de pescadores pobres. Provavelmente, não tinham barca própria. Somente umas redes com que pescavam desde as margens em águas pouco profundas. Era assim que viviam muitas famílias das margens do lago. Os dois irmãos trabalhavam juntos. Tinham vindo de Betsaida, talvez à procura de maiores facilidades para o seu trabalho. Pedro estava casado com uma mulher de Cafarnaúm e vivia numa família múltipla, em casa dos sogros. Para seguirem Jesus, as únicas coisas que tiveram que deixar foram as redes.

O grupo era bastante heterogéneo. Alguns, como Pedro, estavam casados, outros eram solteiros. A maioria deles tinha deixado toda a família, mas Tiago e João vieram com a sua mãe, Salomé, o mesmo que Tiago, o Menor, e José, que eram acompanhados também por sua mãe, Maria. A maior parte provinha de famílias judias tradicionais e tinha nomes hebreus. Contudo, Simão, André e Filipe, os três nascidos em Betsaida, parece terem vivido em ambientes mais helenizados e tinham nomes gregos. O pai de Filipe pôs ao filho o nome do tetrarca (!). Provavelmente, Filipe e André falavam grego, podendo, por isso, ter feito de intermediários entre um grupo de peregrinos gregos e Jesus (Jo 12, 20-22).

Talvez nem sempre tenha sido fácil a convivência entre eles. Simão o "Cananeu", chamado, com certeza, assim pelo seu zelo no cumprimento da Torá, teve que aceitar junto de si Levi, cobrador de impostos, aprendendo a viver à maneira de Jesus, que insistia no acolhimento de gente tão indesejável como os pecadores, os publicanos e as prostitutas. Por outro lado, Tiago e João, aos quais chamava Boanerges, isto é, "filhos do trovão", eram provavelmente de caráter impetuoso e chegaram mesmo a criar tensões no grupo devido à sua pretensão de ocuparem um lugar de relevo junto de Jesus (Mc 10.35-40).

Tudo leva a crer que Jesus tivesse um relacionamento especial com Pedro e com os dois irmãos Tiago e João. Os três pescavam na mesma zona e já se conheciam antes de se encontrarem com Jesus. Era com eles que se sentia mais à vontade. Tratava-os com grande confiança. A cada um dos três deu apelidos curiosos: a Simão chamou-lhe "rocha" e aos dois irmãos, "filhos do trovão". Segundo a tradição cristã, só eles estiveram presentes em acontecimentos tão especiais como o da "transfiguração" de Jesus no alto dum monte da Galileia; durante a sua angustiante oração ao Pai no Getsêmani; na noite em foi preso.

Pedro era, sem sombra de dúvida, o discípulo mais singular dos Doze. As fontes apresentam-no como porta-voz e líder dos discípulos, em geral, e dos Doze, em particular. Numa ocasião qualquer, pôs-lhe o apelido de *Kefas* ("rocha"), que, traduzido ao grego por Pedro, se tornou no seu nome próprio: é com esse nome que aparece sempre à cabeça dos Doze. O testemunho das fontes cristãs contribuiu para criar a impressão de um homem espontâneo e honesto, decidido e entusiasta na sua adesão a Jesus, mas, ao mesmo tempo, capaz de duvidar e de sucumbir numa crise e ao medo. Foi nos seus lábios que se colocou a profissão de fé mais solene em Jesus: "Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo", bem como a negação mais rotunda: "Não conheço esse homem". A sua ação na Igreja primitiva apresenta também luzes e sombras: dirigente zeloso e resoluto na Igreja de Jerusalém, mas, ao mesmo tempo, capaz de intervenções que, pelo menos aos olhos de Paulo, eram ambíguas e pouco claras. Todas estas coisas lhe conferiram, desde o princípio, um atrativo especial entre os primeiros cristãos. Depois de ser preso várias vezes em Jerusalém, dirigiu-se para Antioquia e, mais tarde, para Roma, onde morreu martirizado, no tempo do imperador Nero, entre os anos 64 e 68, talvez na colina do Vaticano.

O que é que Jesus pretenderia ao rodear-se deste grupo tão coeso de doze homens? Certamente, todos viam naquele grupo um símbolo sugestivo, uma certa evocação das doze tribos de Israel. Mas, em que está Jesus a pensar, efetivamente? Esse pequeno grupo que o acompanhava era para ele o sinal do nascimento do novo Israel. Logo que fosse restaurado e reconstruído, esse Povo tão querido de Deus converter-se-ia no motor de arranque de um mundo novo, através do qual o reino de Deus chegaria até aos confins do mundo. Associados por Jesus à sua missão de anunciar a chegada de Deus e de curar as pessoas, esses Doze iriam pôr em movimento, de modo simples, mas real, a verdadeira restauração de Israel.

Ao verem Jesus a passar pelas suas aldeias, rodeado dos Doze, muitos retomavam um sonho longamente acariciado: o de verem novamente reunidos todos os judeus num reino único, como no tempo de David (c. do ano 1000 a. C.). Israel estava consciente de que tinha sido formado por doze tribos nascidas dos

doze filhos de Jacob. Mas, a partir do século VI a. C., isso deixou de ser realidade. No ano 721 a. C., os assírios destruíram o reino do Norte (Israel), levando para o desterro as tribos que o constituíam, e que nunca mais voltaram. No ano 587 a. C., os babilônios invadiram o reino do Sul (Judá) e deportaram para a Babilónia as tribos de Judá e de Benjamim. O Povo nunca mais voltou a ser o mesmo. É verdade que, no ano 538 a. C., voltaram alguns dos desterrados: que levaram a cabo a reconstrução do templo, mas Israel era definitivamente um Povo desfeito, com os seus filhos e filhas dispersos por todo o mundo. Foi assim que Jesus o conheceu. Sendo aquelas aldeias da Galileia apenas uma pequena porção do Povo judeu, ele desejava chegar a todo o Israel, mesmo àqueles que viviam dispersos pelo Império. Eram os filhos da "diáspora", que quer dizer filhos da "dispersão". Voltariam alguma vez a ser, novamente, o povo reunido por Deus?

Os profetas tinham mantido sempre viva esta esperança na consciência do povo: Javé "levantará o seu estandarte diante das nações para juntar os exilados de Israel e reunir os dispersos de Judá dos quatro cantos da terra". No tempo de Jesus, continuava-se ainda à espera de um milagre. Um escrito de que talvez Jesus tivesse ouvido falar declarava: O Messias de David "reunirá um povo santo... e julgará as tribos dum Povo santificado pelo Senhor, seu Deus". Em Qumran, falava-se muitas vezes da restauração das "doze tribos de Israel" nos últimos dias. Esse sonho era mesmo lembrado constantemente a todos pela presença de "doze homens" no Conselho que presidia à comunidade. Jesus partilhava a mesma esperança, mas não estava a pensar numa restauração étnica ou política, mas numa presença curadora e libertadora de Deus junto do seu Povo, a começar pelos doentes, pelos marginalizados e pelos pecadores. Por isso, "deu-lhes poder sobre os demónios e poder para curarem doenças" (Lc 9,1-2). A restauração estava a começar de uma maneira quase insignificante, mas real. Que ninguém pensasse no triunfo político de Israel nem na destruição dos pagãos. Jesus, a única coisa que buscava era a restauração de Israel através da experiência, no seu próprio seio, da misericórdia de Deus. Só assim o reino de Deus poderia abrir caminho no meio dos povos.

(José Antonio Pagola — *Jesus, uma abordagem histórica*, pp. 284-289)

Oremos (...)

Que os teus apóstolos, Senhor,
reencontrem todas as multidões do Evangelho,
mas não repitam o erro
de esquecer que a operação da fé
é pessoal, não massiva;
e que o mais pequenino no Reino dos Céus
tem também o poder de fazer milagres,
de ser cumulado com as maravilhas da tua graça.
Por Jesus Cristo, nosso Senhor,
na Unidade do Espírito Santo.

Âmen!